

BRIQUET E A OBSTETRÍCIA NO BRASIL

Paulo Schmidt GOFFI*

As figuras exponenciais de velhos tempos da Obstetrícia no Brasil, têm seus nomes ligados à história do ensino e à prática da especialidade em três principais centros do país: Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo. Nestas cidades fundaram-se as primeiras Escolas de Medicina e importante influência tiveram as Maternidades, onde pontificaram os ilustres obstetras de então - Maternidade da Bahia, Maternidade das Laranjeiras (Rio) e Maternidade São Paulo, respectivamente, núcleos formadores de especialistas.

A vinda de D. João VI para o Brasil foi decisiva na implantação do ensino médico em nosso meio e não menos importante para iniciar a formação da Escola Obstétrica Brasileira. A contratação de Joaquim da Rocha Mazarém foi feita apenas um mês após chegada do Príncipe Regente à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1808, para ministrar curso de "ligaduras, partos e operações". O ilustre "lente", como então eram chamados os professores, tinha o grande mérito de ser um esmerado cultor do vernáculo. Ocupou-se da tarefa até 1813. Voltando a Lisboa, lá exerceu as atividades de professor de partos (de 1825 a 1849). Rezende, gabando-lhe os méritos, refere que deixou numerosos trabalhos obstétricos, em linguajar castiço, cuja leitura é preciosa a eruditos, fonte de inspiração a puristas. Escreveu "Compilação das Doutrinas Obstétricas" em 1833, com uma segunda edição, em 1843: "Anuário Clínico da Arte Obstétrica" (1825); "Recopilação da Arte dos Partos" (1838); "Quadros Sinópticos das Moléstias das Mulheres de Parto e Recém-nascidos" (1839); e, com a colaboração de Kessler, "Atlas de Estampas da Arte Obstétrica", traduzido de Busch (1842). Sucedeu-lhe Costa Barreto (1813). Baiano de origem, teve seu aprendizado na Europa, ao tempo de Baudelocque e Denman, onde se abeberou de conhecimentos valiosos que para aqui pode trazer.

Não menos importante foi a atuação, no Rio de Janeiro, de outros como Luis da Cunha Feijó Junior, professor de obstetrícia de 1871 a 1911, que, como o pai, refletia nos seus ensinamentos a influência da Escola da França, com base nos preceitos de Cazeaux, Tarnier e Pajot. Também Maria Josefina Durocher (1809-1893) é nome estelar nesse contexto, porque, vinda da França, onde nascera, foi a primeira obstetriz diplomada pela Escola de Parteiros do Rio de Janeiro (1834) e a única mulher que teve assento na Academia Nacional de Medicina, como titular. Por ocasião do Centenário de sua chegada ao Brasil, em 1916, a Academia criou o Prêmio "Madame Durocher", destinado a laurear anualmente o melhor trabalho nacional sobre tema obstétrico. Publicou vários trabalhos e atendeu a mais de cinco milhares de partos, contando-se, como curiosidade, o seu pendor pelo traje masculino, que usava costumeiramente, achando-o mais de acordo com o seu labor, de dia e de noite, nos domicílios de parturientes e pobres. Não menos ilustres foram Antonio Rodrigues Lima, Diretor da Maternidade Laranjeiras (onde também, com muito mérito, anos depois seu descendente-direto, Octavio Rodrigues Lima

desenvolveu as mesmas funções), Arnaldo Quintela, Queirós Barros, Cândido de Andrade, Olimpio A.R. da Fonseca e outros que praticaram com notoriedade a obstetrícia na velha capital. Mas, no dizer de Rezende, não se dispensaria alusão à figura apostolar de Fernando Magalhães (1878-1944), professor extraordinário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sobre ele escreve: "... nunca lhe faltou, nas pregações, sentido humanístico, universal, ecumênico, centelha que o animava a descancelar, atrevidamente, as portas da rotina. Uma clara inteligência, o extraordinário poder verbal de orador nato, cultivado, e o destemor com que aceitava ou procurava polêmicas ajudaram-no a pelejar, de lança no riste, contra a ignorância e a estupidez, de intuídos impenetráveis".

Na Bahia, salientou-se, no que se relaciona com o ensino médico, José Corrêa Picanço, vindo com a comitiva de D. João VI. Foi o inspirador e executor das ordens reais em favor da medicina no país; cabia-lhe, além do mais, conceder licença às parteiras para o exercício de suas funções (1816). Entre outros nomes, citam-se Adriano Alves de Lima Gordilho, Barão de Itapoan, investido na cátedra em 1875, hábil obstetra e que inspirou várias teses, e Climério Cardoso de Oliveira, nomeado Professor de Obstetrícia, em 1885. Este, cultuando a arte de bem falar e dedicando-se às belas-letas, deixou seu nome ligado à Maternidade da Bahia, participando intimamente na sua construção com interesse especial e que foi feita de acordo com as exigências da arquitetura da época. Pacifico Pereira, Menandes dos Reis e outros, também, marcaram o valor intrínseco da arte de partejar baiana de velhos tempos, cujo ótimo conceito é mantido pelos professores e chefes de serviços atuais.

Nos primórdios da obstetrícia paulista apontam três importantes nomes: Rodrigues dos Santos, Braulio Gomes e Silvio Maia. Todos com seus nomes vinculados estreitamente à Maternidade São Paulo, o que motivou Eduardo Martins Passos a escrever sobre esta instituição, ser ela "um grande centro obstétrico, cadinho onde se fundiu o ouro puro de toda uma geração que honrou e dignificou as terras do planalto".

José Rodrigues dos Santos foi um dos pioneiros da idéia do parto em maternidades e muitas foram suas tentativas de fundar hospitais desse tipo e em algumas cidades por onde andou. Em 1877 fez sua primeira tentativa na capital do País, quando pediu à Câmara Imperial meios para instalar uma maternidade no bairro da Lapa, sem contudo conseguir seu intento. É Martins Passos que escreve: "...desanimado com suas tentativas fracasadas, voltou para São Paulo e aqui, em companhia de Braulio Gomes, fundou e pôs a funcionar a Maternidade São Paulo em agosto de 1894 considerada até 1943, a maior do Brasil". Rodrigues dos Santos escreveu um tratado em dois volumes de Lições de Clínica Obstétrica", prefaciado pelo grande mestre Pinard (1888).

Braulio Gomes, fundador da Maternidade São Paulo, foi um dos homens mais estimados, na época, na

* Prof. Titular de Obstetrícia da Faculdade de Medicina da FUABC; Chefe de Clínica da Maternidade S. Paulo; Prof. Docente do Dep. de Gin. e Obst. da FMUSP.

cidade de São Paulo e senhor de grande prestígio social, dados seus dotes morais e intelectuais. Com estas credenciais reuniu inúmeras senhoras da elite paulistana, que, juntas, constituíram a "Associação Maternidade São Paulo", mantenedora da instituição destinada ao amparo da mãe pobre, cuja ciclópica obra assistencial tem continuado pelos anos afora, até o presente. Braulio Gomes foi seu primeiro Diretor Clínico, seguido de Silvio Maia, que na Maternidade acumulava as funções de Diretor Clínico do nosocômio e as de Professor de Obstetria da Faculdade de Medicina.

Silvio A. de Oliva Maia foi o primeiro professor da "cadeira" de Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina de São Paulo, que ocupou de 1917 a 1924, até nove anos antes de sua morte. Fundou em 1912, a Escola de Obstetria de São Paulo, da qual foi Diretor até 1927. Médicos e obstetristas tiveram seu aprendizado no conjunto de edifícios da velha Maternidade da Rua Frei Caneca. Várias turmas por ali passaram.

Foi em 7 de abril de 1925 que Raul Carlos Briquet "em memorável concurso, em que, ao lado da precisão do fraseado, teve ensejo de evidenciar sua invejável cultura humanística e científica", como escreveu Joaquim Onofre Araújo, assumiu a cátedra na Faculdade de Medicina de São Paulo, sucedendo Silvio Maia, seu mestre e padrinho. Ocupou o cargo até sua morte, em 5 de setembro de 1953, perdendo a obstetria nacional um de seus vultos de maior projeção. O que representa Fernando de Magalhães para os cariocas, representa Briquet para os paulistas e, curiosa coincidência, ambos faleceram com a mesma idade de sessenta e seis anos. Briquet mais jovem nove anos.

E Duílio Crispim Farina, o notável escritor e historiador das coisas da nossa Faculdade, que, sobre Briquet, escreveu, "em rememoração evocadora, alguns aspectos de sua figura de alto porte e de sua obra não menos menos marcante, orgulho de São Paulo e do Brasil": Luciano Briquet, francês de St. Quentin, e Ana Rosa Baumgarten Briquet, inglesa de Singapura, foram os pais de Raul Carlos Briquet, nascido em Limeira, aos 8 de fevereiro de 1887. Vindos de países tão distantes aqui se encontraram enquanto lecionavam as línguas francesa e inglesa no seio de famílias da elite de S. Paulo. Desposam-se na capital paulistana e ele, engenheiro topógrafo, inicia andanças pelo interior planejando cartas geográficas das cidades de Formiga, Patrocínio, Araxá e Limeira". O casal teve três filhos - Marinho, Raul Carlos e Stela, "que conceituaram sua grei como excelsos educadores em São Paulo".

Outro dos seus biógrafos, Onofre Araújo, escreveu: "... herdou de seus progenitores as características físicas e intelectuais que o tornaram, no nosso meio, um dos expoentes da cultura em todos os ramos do saber humano. Fez o curso secundário do Instituto de Ciência e Letras de São Paulo, matriculando-se, depois, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se diplomou em 9 de dezembro de 1910, após defesa de tese sobre "Psicofisiologia e Patologia Musicais", revelando, desde então, as tendências polímorfas de sua inteligência. Sua atividade profissional teve início na Maternidade de São Paulo onde, ocupando o cargo de interno, soube se impor pelo prestígio adquirido na orientação segura que imprimia aos casos clínicos sob sua responsabilidade. Em 1914, conquistou, na Faculdade de Medicina do Rio

de Janeiro, o título de Docente de Clínica Obstétrica com tese sobre a "Diálise-reação de Abderhalden".

Tenho bem presente na memória a figura imponente de Briquet, com envergadura própria de professor na acepção mais ampla do termo, quando acadêmico de medicina, tive aulas de Obstetria. Nessa altura eram seus assistentes imediatos, Benedito M.P. Tolosa, J. Onofre de Araújo e Edwin Frederico Zink. Exigente, na prova prática em manequim, em dependência de velho prédio anexo à Maternidade São Paulo, perguntando-me sobre mecanismo de parto e não satisfeito com minhas tergiversações obrigou-me a voltar em dias sucessivos para novas averiguações de conhecimentos, sempre com resultados negativos. Foi pela terceira ou quarta vez, que tive afortunadamente a oportunidade de, por impedimento do velho professor, ser arguido por Onofre de Araújo, que perguntando-me sobre "manobra de Mauriceau" aprovou-me, apesar de minhas vacilações, demonstrando com aquilo que era a bondade em pessoa, a tolerância ilimitada e o aparador de arestas que sabia ser. Quis o destino que naquela ocasião, não tendo sentido ainda pendor pela obstetria, viesse, pouco após a formatura, mostrar interesse por essa especialidade. Pedi para estagiar como voluntário no Serviço de Briquet, agora já instalado no recém inaugurado Hospital das Clínicas, no Araçá, junto da Faculdade, e fui muito bem recebido pelo mestre. Na primeira reunião de discussão de casos presenciei cena, de não muita importância, que caracterizava bem a personalidade do professor. Um seu assistente relatou caso de prenhez ectópica no auditório e eu, em grande expectativa, esperava no final as considerações magistrais que seriam feitas por Briquet, na mesa, presidindo. Foi a grande surpresa quando apenas disse: "quero advertir que na sua exposição não me passou despercebida a expressão ampolar, que melhor seria dita - prenhez ampular". Uma questão de "u" em lugar de "o", o que bem definia a grande preocupação que tinha com o vernáculo.

Com efeito, Briquet, com cogitações e conhecimentos enciclopédicos, parecia, pelo que dele se dizia, que com frequência se mostrava dispersivo. De certa feita, conta-se que na sua vasta biblioteca percebeu, horas depois de interromper o que escrevia sobre obstetria, após saltos vários, de livro em livro, estar pesquisando um vocábulo grego qualquer, que nada tinha com aquilo de que se ocupava no início.

Foi educador, psicólogo, artista e sociólogo.

Em 1933, quando da realização da Semana do Ensino da Leitura propôs uma cartilha de alfabetização, organizada com temas musicais de nossa terra e, em outra oportunidade, pronunciou uma conferência sobre "Ensino Médico" com notáveis ponderações, ainda hoje citadas pelos que se ocupam do tema. Ainda como educador cumpre referir o histórico que fez da "Instituição Primária e Secundária no Brasil, de 1500 a 1899", onde mostrou seu cuidado nas pesquisas desse teor. "Disciplina do Gesto" e "Lede e Meditai, a Obra de Hipócrates", constituem outras tantas páginas por ele escritas que revelam sua personalidade de educador.

Foi cultor de toda atividade capaz de aprimorar o espírito: a poesia, a música e a pintura. Estudioso dessas manifestações, era notória a sua satisfação quando se lhe oferecia oportunidade de abordar tais assuntos, escreve Araújo. Já sua tese de doutoramento refletia o pendor pela arte musical que mais nítido se evidenciou na conferência pronunciada no Departamento de Cultura de São

Paulo, sobre a peça de sua preferência – o quarteto XIV, opus 131, de Beethoven.

Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, e do Centro Cultural Brasil-Suécia, recebeu inúmeras honrarias de sociedades médicas e não médicas nacionais e estrangeiras.

Membro da Academia Paulista de Letras, pronunciou na sua posse primorosa oração. Com fino lavor literário, profunda erudição e grande propriedade, deixou trabalhos de impressionante profundidade, exemplo que testemunham a amplitude de seus conhecimentos, no dizer de Duílio Crispim Farina.

Como sociólogo, interessou-se e foi um dos fundadores da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e regeu a disciplina de Psicologia Social, tendo reunido em um volume as lições ali proferidas. Pronunciou conferências em Conclave Nacional de Educação sobre “Psicologia dos Adolescentes” e foi VicePresidente da Seção de São Paulo da Sociedade Brasileira de Psicanálise.

Como obstetra e professor da especialidade, além de inúmeras publicações em periódicos, editou suas obras importantes: “Obstetrícia Operatória” (1932); “Obstetrícia Normal” (1939), lições de Anestesiologia” (1943) e “Patologia da Gestação” (1948). Teria publicado “Patologia do Parto e do Puerpério” se não fosse a doença que

lhe prejudicou o trabalho encetado. Cumpre lembrar que sua “Obstetrícia Normal”, reeditada por Domingos Delascio e Antonio Guariento, ainda hoje, passados vinte e seis anos de sua morte, traz a todo momento o nome de Briquet à nossa lembrança, por ser um “livro de cabeceira”, autêntica “biblia” para muitos obstetras de todo este Brasil.

Outros biógrafos, cujos escritos tivemos debaixo de nossos olhos, enaltecem Briquet: “uma das mais formosas inteligências que conheço” (Rubião Meira), “cultor apaixonado de toda atividade que aprimorasse o espírito” (Carlos da Silva Lacaz); “era o tipo perfeito do professor universitário” (Edmundo Vasconcelos). Antonio Carlos de Pacheco e Silva, na Congregação da Faculdade de Medicina da USP, em 30/9/53, convocada em homenagem à memória do ilustre professor recém falecido, fez um dos mais comoventes e notáveis esforços laudatórios ao insigne mestre.

Seus ensinamentos são ainda hoje repetidos amiudamente pelos que com ele conviveram e que transmitem para novas gerações de obstetras o que dele apreenderam, sem citar os discípulos de discípulos seus que também desenvolvem atividades docentes em várias Faculdades e Serviços.

Recebido para publicação em 16-7-1979.
Aprovado para publicação em 16-7-1979.

Endereço para correspondência:
Paulo Schmidt Goffi
Av. Nove de Julho, 4835 ap. 61
01407 - São Paulo - SP